



Com o olhar de professora: as crianças nas fotografias de Alice Meirelles Reis de 1923 à 1935.

Margarida de Sousa Barbosa

Resumo

Alice Meirelles Reis, entre os anos de 1923 à 1935, implementou inovações na educação de crianças de quatro à sete anos como professora do Jardim de Infância da Escola Normal Caetano de Campos, e neste espaço, criado para ser uma escola modelo no Estado de São Paulo, documentou sua prática por meio de fotografias e anotações. Dessa forma, pretende-se mostrar como as crianças estão presentes em suas fotografias através do seu olhar, de mulher, religiosa e de professora no início do século XX, considerando a identidade docente de Alice Meirelles Reis e o que significava lecionar no primeiro e único Jardim de Infância público na cidade de São Paulo, cidade que buscava modernizar-se amparada nos ideais liberais e republicanos. Trata-se, pois, de uma pesquisa em andamento, em que as fotografias ganham foco central, consideradas fontes documentais, em que mediante sua leitura e análise é possível conhecer as crianças pelo olhar da professora que as criou. Suas fotografias trazem como tema e assunto as crianças brincando, interagindo com objetos e brinquedos, ou seja, mostrando um pouco do cotidiano vivido nesta instituição pública de Educação Infantil. Por tratar-se de uma pesquisa em andamento, as conclusões são provisórias, contudo o trabalho desta professora a evidencia como uma pesquisadora e intelectual voltada para as inovações no campo da Educação Infantil, bem como suas fotografias trazem para a visibilidade as infâncias daquela época, e que hoje podemos, aos menos em parte, conhecê-las.

Palavras chave: crianças, fotografias, educação, infância

Kishimoto (1986), ao estudar a trajetória da Educação Infantil no Estado de São Paulo desde seu início até 1940, nos apresenta entre algumas entrevistas a de Alice Meirelles Reis, professora do Jardim da Infância, escola anexa a Escola Normal Caetano de Campos e professora de Metodologia e Prática do Ensino Pré-Primário desta Escola Normal. Em 1982, Kishimoto recebe, então, o acervo fotográfico da própria Alice com a promessa de acondicioná-lo em um museu, promessa essa cumprida em 1999 com a criação do MEB-Museu da Educação e do Brinquedo, na Faculdade de Educação da USP. Em 2014 Kishimoto publica o livro: Práticas pedagógicas da professora Alice Meirelles Reis 1923 - 1935, em que relata o trabalho realizado nesse período pela professora. É através desse



livro publicado em 2014 que a produção fotográfica da professora Alice Meirelles vem à público, tornando-se assim objeto de pesquisa.

Os álbuns de Alice Meirelles, referem-se ao tempo em que foi professora do Jardim da Infância na Escola Normal Caetano de Campos, e datam o período de 1923 à 1935, embora sua carreira como professora perdurou até a década de quarenta. Ela iniciou sua produção imagética em 1923, ano em que deu início à sua docência. Alice Meirelles fotografou as crianças que frequentavam o Jardim da Infância, um edifício anexo à escola normal Caetano de Campos, situado na Praça da República na cidade de São Paulo. Inaugurado em 1897 era, na época, a única instituição pública a atender as crianças de quatro à seis anos e tinha como objetivo ser uma escola modelo. Hoje, porém, só é possível observarmos essa construção

através de fotografias, desenhos, ou outros documentos, já que o prédio referido foi demolido em 1939 para a construção da Avenida São Luíz. Após esse período, as crianças passaram a frequentar salas adaptadas do prédio da Escola Normal e em seus cadernos, Alice Meirelles, deixa claro sua indignação em relação ao descaso do poder público com este nível de Educação (Kishimoto, 2014).

Não só o prédio e seus espaços foram alvo do seu registro, mas as crianças. Através de suas fotografias é possível ver as infâncias daquele tempo. Ver as crianças em seus gestos, suas roupas, seus modos de usar os objetos e brinquedos escolares, seus cabelos com seus cortes e penteados, as maneiras de ser menino e de ser menina e de estar naquele lugar. As fotografias trazem imagens das crianças dentro de salas de aula, mostram objetos diversos que as compõem, mostram as crianças em ação dentro delas, lendo, pintando, manuseando objetos, arrumando os brinquedos e os guardando, limpando a sala, brincando sozinhos ou com colegas. Mostram também crianças fora das salas de aula, observando pássaros em uma gaiola, peixes em um aquário, brincando com um coelho. Mostram crianças com barcos de papel em uma fonte, meninas abraçando suas bonecas e estendendo roupas nos varais de brincadeira, brincando com areia e nas escadarias experimentando equilibrar-se. Mostram as crianças plantando, colhendo e comendo milho, fazendo requeijão, brincando de fazenda, de mercado e de barco à vela, mostram seus desenhos pendurados nas paredes e a escrita da professora ensinando letras e números.

Ao criar suas fotografias a professora Alice Meirelles, por sua vez, nos deixou indícios de como eram as crianças e como viviam cotidianamente em seus contextos escolares. Ela



tornou suas práticas visíveis porque considerou isso importante, ou para as crianças ou para seu trabalho como professora em uma escola que se propunha referência de ensino, como era considerada na época em questão, a Escola Normal Caetano de Campos.

Dessa maneira, o que as fotografias da professora Alice Meirelles Reis podem revelar sobre as crianças e as infâncias vividas naquela época, na cidade de São Paulo e mais precisamente no Jardim de Infância da Escola Normal Caetano de Campos?

Fotografias como fontes documentais

Segundo Kossoy (2014), no âmbito acadêmico brasileiro observa-se um aumento do número de pesquisas que utilizaram a fotografia como fontes documentais, esse número vem crescendo desde a década de 90 e tem provocado debates acerca destas fontes em relação aos estudos e as pesquisas nas mais diferentes áreas, entre elas a história, inclusive quando estamos tratando especificamente da história da Educação e mais ainda, da infância. Deste modo, para Burke [...] o uso de imagens de crianças por historiadores tem objetivado acima de tudo documentar a história da infância, em outras palavras, as mudanças na visão que os adultos têm das crianças. (2004, p.129). Exemplo disso, é a pesquisa que Phillipe Ariès sobre a história da infância, sendo este autor um dos pioneiros neste estudo, além de ser também um dos primeiros a utilizar imagens como fontes para sua pesquisa.

Mais tarde, apesar do pioneirismo, a pesquisa de Ariès recebeu diversas críticas, pois o mesmo não considerou a temática escolhida para representação nas pinturas durante a Idade Média, já que em sua maioria tratava-se de assuntos religiosos, além de não interpretar as imagens pesquisadas conforme as convenções artísticas da época em que foram produzidas. Entretanto, ainda sim, ele tornou-se inspiração para outros pesquisadores, que, da mesma forma utilizaram as imagens como objetos de estudo, porém com outros cuidados interpretativos (Burke, 2004, p. 131). Por isso, com este exemplo, podemos compreender como as imagens se constituem em um valioso indício para estudos e pesquisas.

Outro autor que aborda o estudo das imagens é Kossoy, segundo ele "[...] são as imagens documentos insubstituíveis cujo potencial deve ser explorado. Seus conteúdos, entretanto, jamais deverão ser entendidos como meras “ilustrações ao texto”. [...]” (Kossoy, 2014, p. 36). Em outras palavras, as fotografias trazem conteúdos importantes a serem estudados, que são independentes ou complementares aos textos, contudo não existem em função deles. Há, também, outro ponto interessante sobre a relação entre as imagens e os textos,



segundo Burke (2004, p. 38) as imagens podem trazer informações que, por vezes, são omitidas textualmente. Mesmo que o fotógrafo queira montar uma cena, de alguma forma a imagem irá trazer elementos, ainda que ele não tenha consciência disso, mas que deflagram informações aos que se debruçam para estudá-la, na medida em que a própria cena montada revela os olhares que se tinha sobre determinado assunto na época em que a imagem foi criada. Isso porque, conforme Carneiro e Kossoy “as fotografias se constituem em importantes testemunhos históricos, sociológicos e psicológicos, posto que retratam, implicitamente, *atitudes* e *intenções*.” (2002, p. 174, grifo dos autores).

Para Kossoy, as informações que as fotografias nos trazem serão mais eficazes a partir do momento que o pesquisador “[...] sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise para a decifração de seus conteúdos e, por consequência, da realidade que os originou. [...]” (2014, p. 36). Em outras palavras, para garantir legitimidade aos estudos e pesquisas é necessário tratar as fontes imagéticas com seriedade e rigor, baseada em uma metodologia clara e fundamentada epistemologicamente.

A finalidade da criação de uma imagem também é algo que precisa ser estudado, na visão de Burke “[...] Da mesma forma, deve-se aconselhar alguém que planeje utilizar o testemunho de imagens para que inicie estudando os diferentes propósitos dos realizadores dessas imagens. [...]” (2004, p. 24). Sem nos esquecermos, portanto, do papel fundamental do fotógrafo na criação das fotografias e assim, estudá-lo é imprescindível, afinal, na opinião de Kossoy: “A materialização da imagem ocorre enquanto etapa final e produto de um complexo processo de criação técnico, estético, cultural elaborado pelo fotógrafo. Temos na imagem fotográfica um documento criado, construído, razão por que a relação documento/ representação é indissociável.” (2016, p. 33)

Portanto, as fotografias revelam os olhares que o fotógrafo tem sobre a sociedade e dessa maneira estão carregadas de ideologias, bem como são produtos de escolha e criação dentro de um contexto econômico, social e cultural. Kossoy (2016) ainda deixa claro a relação que as fotografias tem enquanto documento e representação, já que o que vemos nas imagens fotográficas está relacionado a algo que aconteceu de fato, entretanto, podem ser resultado de encenações, ilusões, o que este autor denomina como “tramas e ficções”.

Por isso é importante destacar que, como autora de suas fotografias, Alice Meirelles Reis não era fotógrafa profissional, mas sim professora. Contudo a seleção das cenas,



enquadramentos, também a revelação das imagens e seu condicionamento em álbuns revelam quais os seus olhares em relação às crianças.

Seu olhar reflete seu tempo, sua identidade docente e também como as crianças eram vistas e consideradas neste determinado espaço e momento histórico.

Para a análise de fotografias, Kossoy, por sua vez, afirma que "[...]a imagem fotográfica é um meio de conhecimento pelo qual visualizamos micro cenários do passado; contudo, ela não reúne em si o conhecimento do passado" (2014, p. 84a). Ou seja, para uma efetiva investigação da fotografia é necessário acessar outros conhecimentos de outras fontes, inclusive a textual. Dessa forma, além da análise dos álbuns de fotografias analisei também os cadernos datilografados criados pela professora Alice Meirelles Reis.

Burke (2004) também enfatiza a importância de atentarmos aos pequenos detalhes, que podem passar despercebidos, mesmo que algumas imagens tragam poses estereotipadas ou foram montadas para algum fim, sempre há algo que escapa ao controle de quem as cria. Ele recomenda que olhemos para as mobílias, utensílios, vestimentas, pois estes revelam muitos dados. Por isso, ao analisar as fotografias de Alice Meirelles para além do que a temática principal aponta, observei as imagens dos objetos e suas formas de uso, como por exemplo: a mobília usada pelas crianças; as diferenças nas vestimentas em diferentes momentos registrados, bem como as diferenças nas roupas entre meninos e meninas; os painéis das paredes; o que está escrito na lousa pela professora; como as crianças usam os brinquedos e como elas ocupam os espaços da escola. Todos esses elementos são significativos no uso das imagens enquanto fontes documentais.

O assunto e sua própria seleção é resultado de várias escolhas feitas pelo fotógrafo, pelas suas ideologias, seu repertório, seus filtros individuais, sua cultura e também pela tecnologia ao qual ele tem acesso. O olhar de Alice Meirelles como professora, por sua vez, é orientado por ideologias, concepções pedagógicas que circulavam naquele espaço para as infâncias. Na época em que foi criado, o Jardim de Infância baseava-se na pedagogia de Froebel, pedagogia que ela vivenciou como aluna, e posteriormente, como professora, o que a fez pensar, questionar e sentir necessidade de mudanças. O período em que trabalhou no Jardim da Infância coincidiu com o momento específico da Educação em que circulavam os ideais da Escola Nova que, ganhou notoriedade nas ideias formuladas e difundidas no início do século XX pelo filósofo John Dewey, e que foram adotadas por muitos pedagogos como Cousinet, cujo foco era o trabalho de equipe;



Decroly, que trabalhava com os centros de interesse e Kilpatrick com seu método de projetos. Através desses ideais, a professora Alice Meirelles buscou subsídios para mudar as suas práticas docente junto às crianças (Kishimoto, 2014).

Diante disso é necessário entender quem era Alice Meirelles Reis e o que significava ser professora de crianças naquele tempo e naquela escola. Sabe-se que ela também era professora de Metodologia e Prática do Ensino Pré-Primário da Escola Normal Caetano de Campos, ou seja, ela tanto atuava com as crianças quanto como formadora de professoras, o que deve ter sido decisivo na maneira como ela criou suas imagens.

A professora Alice Meirelles Reis

Alice Meirelles Reis nasceu em 1900, pertencia à uma família da elite paulistana. Era filha de Augusto Meirelles Reis, ministro do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo e membro do Partido Republicano. Sua vida no Jardim da Infância começou cedo, já que em 1907 era aluna do 3º período. Em 1914 ingressou na Escola Normal Caetano de Campos, formando-se três anos depois. Voltando para o Jardim da Infância, em 1923, agora como professora se depara com a mesma pedagogia que havia experimentado enquanto aluna.

Alice Meirelles teve grande influência na disseminação de suas teorias e metodologias pedagógicas, principalmente amparadas pelos ideais escolanovistas, esta abordagem era para muitos símbolo de inovação na área educacional. As ideias oriundas da Escola Nova, começaram a circular pelo Brasil no início do século XX e propunham uma mudança na educação escolástica ainda muito influente no país, colocando a criança como o centro do processo educativo. Assim, Alice Meirelles busca em autores como Decroly, Dewey e Kilpatrick inspirações para mudanças, além dos autores nacionais como Lourenço Filho, Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, os quais ela mantinha contato e diálogo.

A professora parece dedicar sua vida à sua carreira e profissão. Viajando para outros países como os Estados Unidos, por exemplo, usando recursos próprios, importava revistas francesas que tratavam exclusivamente da Educação Infantil, criou diálogos e trocas com professores de psicologia e artes para que conhecessem seu trabalho, opinassem sobre ele e a ajudassem a criar materiais. Dessa maneira, podemos entender que a essência do trabalho de Alice é o de uma educadora-pesquisadora. Para isso, ela fotografou e documentou sua prática junto às crianças expressando suas ideias, experiências e conhecimento.

Com as trocas constantes, viagens, leituras e práticas constrói-se o referencial teórico metodológico da ação da professora, identificando-se claramente as influências advindas



de John Dewey, passando por Kilpatrick, Decroly e Agazzi, além da adaptação das propostas de Froebel e Montessori. (Kishimoto & Santos, 2017, p. 661)

Alice Meirelles Reis também era integrante de um grupo da Igreja, a Liga das Senhoras Católicas. Fundada em 1922, por D. Duarte, a “Liga das Senhoras católicas” é considerada uma “filha da Igreja”, cujos membros são provenientes das classes média e alta. Segundo Louro:

Para muitos, a educação feminina não poderia ser concebida sem uma sólida formação cristã, que seria a chave principal de qualquer projeto educativo. Deve-se notar que, embora a expressão cristã tenha um caráter mais abrangente, a referência para a sociedade brasileira da época era, sem dúvida, o catolicismo. (2017, p. 447)

Por isso Alice tinha essa ligação tão forte com a Igreja católica, já que havia ocupava um lugar no mercado de trabalho, e por conseguinte o espaço público, ter uma referência forte e moral afastava as possíveis desconfianças em relação à sua índole. Ainda segundo Louro: “Uma 'sólida formação moral', que frequentemente era traduzida por uma continuada orientação religiosa, seria feita a partir de uma já revelada e comprovada boa conduta e de 'bons costumes' ...” (2017, p. 462, grifos da autora).

Dessa forma, não só Alice Meirelles, mas muitas professoras tinham uma grande ligação com a Igreja, mesmo sendo a laicidade uma das prerrogativas das escolas públicas:

A profissão mantinha, de muitos modos, laços com suas origens religiosas. Talvez se possa falar de uma certa ambiguidade no processo de laicização do magistério. Ao se subordinarem a autoridade do Estado, tanto os docentes quanto as docentes continuaram a ser tratados de um modo especial, com uma espécie de “clérigos-leigos” cujas vidas e ações deveriam ser controladas. Através de muitos dispositivos e regulamentos, esperava-se que seu “gênero de vida”, suas “virtudes laicas”, lhes permitissem “manter-se acima do comportamento comum”. (Louro, 2017, p. 462, grifos da autora.)

A Liga das Senhoras católicas tinha como princípio atuar em favor das lhas oferecer moradia, vestimenta, alimento e educação. Com a superlotação de asilos e orfanatos e a constante recusa em receber crianças negras e do sexo masculino, a Liga cria a “Casa da Infância” abrigando crianças de zero até treze anos. Quando os meninos maiores de oito anos passam para o Educandário D. Duarte, a entidade começa a se organizar em relação à educação destas crianças, e para isso conta com o trabalho de Alice Meirelles:



A estruturação pedagógica da Casa da Infância ocorre conforme orientação de Alice Meirelles Reis, contratada pela Liga como superintendente de ensino para organizar obras educativas da entidade. A Casa da Infância fica dividida em 3 seções: creche, maternal e jardim de infância, com professores subsidiados pelo Estado. Os relatórios da Liga, referentes à esse período comentam os trabalhos de inovação pedagógica realizados pelas docentes sob a supervisão de Alice. (Kishimoto, 1986, p. 156)

Além de trabalhar como superintendente do Ensino do Departamento de Menores Abandonados, Alice Meirelles preside o Centro do Professorado católico em 1936 e colabora com a diretoria do Centro de Estudos e Ação Social. Várias organizações infantis católicas são auxiliadas com sua assessoria técnica. Dessa forma, é possível perceber a influência dos ideais escolanovistas dentro do ensino católico, na medida em que é difundido pelas inovações pedagógicas de Alice Meirelles Reis.

As crianças nas fotografias da professora Alice Meirelles Reis

Essa fotografia é uma das que raramente aparecem um grande número de crianças e mostra praticamente a turma da professora Alice como um todo. Num rápido olhar, observa-se grupos de crianças fazendo atividades distintas. Há algumas em pé, outras ainda ajoelhadas no chão, algumas brincam com um grupo, outras parecem fazê-lo sozinhas. Na sala três grandes janelas ocupam grande espaço na imagem, mostram a amplitude desta sala, porém na fotografia tem outra função: fornecem luz para que as crianças bem abaixo dela apareçam na fotografia, o que mostra minimamente um conhecimento de luz e fotografia da professora Alice Meirelles. No entanto, ao fazer uma análise mais detalhada pode-se afirmar que as atividades e brincadeiras que vemos no centro da fotografia não é uma realidade para toda as crianças da turma.



Fotografia 1

Fonte: Álbum de 1929

Dessa forma, recortei a fotografia em três partes, a primeira da esquerda para a direita é a mais emblemática. Nela há um grupo de cinco crianças em volta de uma mesa ao fundo. Uma das meninas olha para a professora no instante em que esta fotografa a turma, as



outras duas concentram-se em algo que parece papel sobre a mesa e o menino olha para o outro grupo de crianças. É justamente esse grupo que chama a atenção, na periferia da fotografia, é possível observar duas crianças sentadas e seus rostos estão voltados para as crianças que estão brincando e sobre sua mesa não há nada. Há outra criança que aparece na fotografia, do lado esquerdo do menino que observa o grupo, ela está sentada do lado “contrário” da cadeira, ou seja, o lugar onde deveria apoiar suas costas, na verdade está à sua frente, onde apoia sua mão. Nesse encosto há algo que parece ser uma blusa, essa criança aparentemente também só assiste, espera, não está brincando.



Detalhe da fotografia 1

O próximo recorte é a cena central da fotografia.



Detalhe da fotografia 1

Neste recorte há quatro crianças que brincam em grupo em volta de uma mesa, elas estão de pé e usam varetas, uma delas brinca com uma vareta e em sua ponta algo parecido com um barbante e tiram algo de dentro da caixa, pode ser uma brincadeira de pescaria,



já que em seu caderno a professora Alice descreve uma atividade de pescaria que ela desenvolveu com as crianças. Sentada sobre suas pernas, uma menina de costas observa em sua mão uma figura, diante de um quadro com várias formas penduradas, na fileira de cima há algo parecido com uma pera, a segunda, que é igual a figura na mão da menina, parece ser um bule, nas duas próximas há figuras circulares e na últimas figuras humanas, parecidas com bonecas e à frente deste quadro há uma caixa aberta, provavelmente de onde a menina tira as figuras. Ao seu lado, de frente, um menino empilha blocos aparentemente sozinho, ao seu lado também há uma caixa aberta, e também provavelmente de onde ele retira os blocos que está empilhando. A maioria das crianças está usando uma espécie de avental, muito utilizado por cima da roupa para evitar que sujem suas roupas, nem todas as crianças o usam. Esse avental era feito de tecido cru e igual tanto para as meninas quanto para os meninos.



Fotografia 2 e 3: Uniforme do Jardim de Infância, 1932. Acervo pessoal de Lolio Lourenço de Oliveira. Frente e costas.

Fonte: Golombek, 2016, p. 779 e 780.



Detalhe da fotografia 1

No terceiro e último recorte, quem toma cena é uma figura fantasmagórica, de uma criança que se moveu rápido o suficiente para ter sua imagem esmaecida na fotografia, na época a velocidade da câmera fotográfica, e em um espaço com pouca iluminação fazia com que as pessoas que se movessem rápido “desaparecessem” da imagem. Outra criança é escondida pela sombra da fotografia, podemos observar uma parte do seu corpo do lado direito, antes que a borda escura da fotografia acabe. No fundo quatro crianças brincam com uma casinha sobre a mesa, seguram objetos que não é possível identificar. À frente, quatro crianças, uma já analisada no recorte anterior e outras três, que parecem brincar juntas com cubos, nesses cubos aparecem cenas com figuras humanas, a menina ajoelhada parece empilhar, o outro menino, também ajoelhado aproxima o olho como se pudesse olhar dentro desse cubo, enquanto que o menino que está de pé, observa atentamente outro cubo. Na frente dessas crianças há um espaço.

Ao retomarmos agora a fotografia inteira veremos que há algo como se fosse um palco, uma encenação, a professora queria registrar as crianças agrupadas fazendo atividades ou brincando com materiais diferentes, fazendo coisas diferentes, dispendo seus corpos de maneiras diferentes. No entanto, as mesas foram arrumadas ao que parecem em formato circular, de forma a deixar no centro da sala um espaço livre e em volta das três mesas há outras com crianças sentadas, observando as crianças que brincam, talvez esperando chegar a sua vez de brincar. Interessante notar, que poucas fotografias aparecem tantas crianças, entre as que são visíveis e as que aparecem somente um rastro contabilizei vinte e oito crianças, sabendo que naquela época as turmas contavam com 35 ou 40, no caso da turma da professora Alice ela teria autorização para que em sua turma tivessem 30, mas ainda sim, uma turma numerosa.



Conclusões provisórias

As fotografias de Alice sempre trazem as crianças em ação, seja brincando com um jogo, ouvindo uma história, modelando, brincando com animais e brinquedos. Há uma preocupação da professora em ambientes internos em utilizar a luz proveniente das janelas. Ela busca aproximar-se das crianças que irá fotografar e provavelmente escolhe algumas crianças para compor alguma cena, já que grande parte das fotografias dentro da sala aparecem com poucas crianças no espaço, contudo em alguns relatos ela descreve que algumas crianças brincavam, ao mesmo tempo, tanto no espaço interno quanto no espaço externo.

As crianças nas fotografias, refletiam a classe social a qual pertenciam as crianças atendidas pelo Jardim de Infância da Escola Normal Caetano de Campos, não há evidências de crianças com deficiências, em uma ou outra fotografia aparecem alguma criança de outras etnias, em sua maioria são crianças limpas e “higienizadas”, mesmo em espaços que provavelmente elas se sujariam como o tanque de areia e as plantações. Apesar disso, é possível perceber a ação das crianças na organização da sala e a autonomia em escolher materiais e brinquedos, assim como guarda-los depois. Os móveis da sala são muitas vezes alterados de acordo com as brincadeiras das crianças e a professora modifica alguns materiais quando observa suas dificuldades a fim de que não desistam diante de um desafio. Os interesses das crianças, muitas vezes são provocados e há uma influencia forte em relação à educação moral e o catolicismo, próprio da identidade da professora.

O fato de que em algumas fotografias haja a falta de definição ou foco, que por vezes prejudicam a visibilidade da imagem, mostra a professora Alice Meirelles como uma fotógrafa amadora, por não ter a fotografia por profissão, entretanto, é possível identificar que ela se utiliza de algumas técnicas, como aproximar as mesas das crianças da luz das janelas, e muda sua postura corporal para fotografar da altura das crianças.

Na maioria das fotografias há a presença dos meninos e das meninas, inclusive nas atividades de marcenaria, em que muitas escolas do ensino primário era destinado somente aos meninos. Contudo, algumas atividades ficavam restritas ao gênero, como futebol para os meninos e brincadeiras de casinha para as meninas.

Ao observarmos nas fotografias a organização de sua sala, as imagens estão por toda a parte, as paredes repletas de gravuras dependendo do interesse das crianças que estava



sendo trabalho naquele momento. Em seu caderno há uma recomendação para que as professoras tivessem cuidado com a decoração da sala, e que esta deveria ser feita no decorrer do ano, de acordo com os interesses das crianças. Alice faz várias recomendações em seus cadernos, quando sugere um jogo, brincadeira ou atividade, enfatiza que a jardineira precisa conhecer suas crianças e adaptar os materiais, os brinquedos ao nível de desenvolvimento delas.

Outro ponto muito forte é a influencia da psicologia desenvolvimentista, que define por faixa etária o que se deveria esperar da criança em relação ao seu desenvolvimento, dessa forma, e influenciada por essa corrente, recomenda atividades simples para as crianças menores e que se aumentasse o nível de complexidade conforme a idade destas.

Alice era uma mulher do seu tempo, embora seu modo de ver as crianças e pensar a educação infantil sejam consideradas inovadoras, ela acreditava que a educação das crianças deveria ser moralizante, enfatizava a liberdade mas com o cuidado para se garantir a ordem, não admitia o ócio e também achava que a criança sem o direcionamento do adulto poderia no futuro tornar-se uma delinquente. Contudo, ela trabalhou e estudou, dedicando sua carreira para que a Educação Infantil, bem como as professoras que atuassem nessa modalidade de ensino, fossem reconhecidas e legitimadas em sua importância para as crianças, a educação e sociedade.

Referências Bibliográficas

Ariès, Philippe. *História social da criança e da família*. Tradução: Dora Flaksman. 2ªed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

Burke, Peter. *Testemunha Ocular: História e Imagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

Carneiro, Maria Luiza T.; KOSSOY, Boris. *O Olhar Europeu: o negro na iconografia brasileira do século XIX*. São Paulo: EDUSP, 2002.

Golombek, Patrícia. *Caetano de Campos: a escola que mudou o Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

Kishimoto, Tizuko Morchida; Santos, Maria Walburga. *A Educação Infantil em São Paulo entre 1920 e 1940: Um estudo de caso sobre a professora Alice Meirelles Reis*. Disponível em <http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/58TizukoMorchidaKishimotoMariaWalburgaSantos.pdf> acesso em 31/03/2017.

Kishimoto, Tizuko Morchida. *A Pré- Escola em São Paulo: das origens à 1940*. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade de São Paulo. São Paulo, 1986.



- Kishimoto, Tizuko Morchida. *Práticas pedagógicas da professora Alice Meirelles Reis 1923-1935*. São Paulo: PoloBooks, 2014.
- Kossoy, Boris. *Fotografia e História*. 2.ed. São Paulo: Ateliê, 2014.
- Kossoy, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 5.ed. São Paulo: Ateliê, 2016.
- Kossoy, Boris. *Dicionário Histórico-Fotográfico Brasileiro*. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2002.
- Kuhlmann Jr, Moysés. *Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2015.
- Kuhlmann Jr, Moysés. *Histórias da Educação Infantil brasileira*. In: Revista Brasileira de Educação. Mai/jun/jul/ago. Nº 14, 2000.
- Louro, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary del. (org). *História das mulheres no Brasil*. 10 ed., São Paulo: Editora Contexto, 2017.
- Reis, Alice Meirelles. *Caderno I*. 1940 a
- Reis, Alice Meirelles. *Caderno II*. 1940 b
- Reis, Maria Candida Delgado. Masculino/Feminino: Fragmentos de uma construção assimétrica. In: Reis, Maria Cândida Delgado. *Caetano de Campos: fragmentos da historiada instrução pública no estado de São Paulo*. Editora Moderna: São Paulo, 1994.
- Reis, Maria Candida Delgado. *Tessituras de destinos: mulher e educação, São Paulo 1910/20/30*. São Paulo: EDUC, 1993.